

QUEM É JESUS NUM MUNDO PLURALISTA?

Bertil Ekström

Introdução: Rm 3:21-31

- A centralidade de Cristo na pregação de Paulo.
- A tensão criativa entre a simplicidade e a complexidade do Evangelho

Maide, uma jovem gaúcha que encontrei num vôo de Frankfurt para São Paulo, filha de colonos alemães, tinha sido criada na melhor tradição luterana. Ela estava regressando de Stuttgart na Alemanha onde havia terminado seu mestrado em sociologia. Quando soube que eu era pastor me bombardeou com perguntas sobre a fé cristã e acerca do trabalho que a nossa missão realizava. Gostou quando mencionei dos projetos sociais e me disse que tinha constatado durante estágio em Moçambique que os que melhor trabalhavam com os pobres eram os missionários. Ela não tinha perdido completamente a fé de criança mas duvidava de que Jesus era o único caminho. Cria agora que o correto era ser tolerante e inclusivista. Certamente outras religiões também levam à Verdade. Sua visão era de um Cristo “relativizado”, importante para os que crêem nele mas em pé de igualdade com outros líderes religiosos e caminhos propostos para a redenção do ser humano.

1. Algumas Características do Pluralismo do Século XXI e de respostas de parte dos cristãos (Uma visão panorâmica de nossa época)

Já é por todos conhecido que vivemos num mundo pluralista. No há como negar que todos somos influenciados pela ideologia vigente em basicamente todo o mundo. Ainda existem algumas ilhas isoladas mas a grande maioria da população mundial sente os efeitos da globalização e a pressão do pluralismo. Leslie Newbiggin define o pluralismo religioso como “a crença de que as diferenças entre as religiões não é uma questão de verdade ou falsidade, mas de percepções distintas de uma única verdade”. Não é, de acordo como o pluralismo religioso, admissível falar sobre crenças religiosas verdadeiras ou falsas.¹ A sutileza do pluralismo nos influencia muitas vezes sem notarmos.

Nossa pergunta, então é como apresentar a Jesus como “o caminho, a verdade e a vida, a única forma de chegar a Deus” em meio de uma realidade pluralista? Vejamos algumas características deste mundo pluralista antes de responder a pergunta, e quais são as consequências para nós e sua influência também na igreja.

1.1. A Intolerância da Sociedade

Fala-se muito acerca de tolerância mas o que vemos é intolerância contra os que expressam opiniões claras e que creem em uma verdade absoluta.

¹ Newbiggin, Leslie, *The Gospel in a Pluralistic Society*, 2000:14

“Há uma prioridade de atacar as religiões monoteístas de revelação, porque cre-se que eo monoteísmo promove a intolerância e que a revelação traz conceitos e preceitos autoritativos retrógrados”. (Robinson Cavalcanti)

A única coisa que se tolera é o tolerante. Chama-se de fanatismo, de intransigência se apresentamos a Jesus como a solução para o problema da humanidade. Aceita-se que seja uma possível solução para alguns mas não para todos.

De distintas formas vemos as consequências da intolerância contra uma mensagem clara e contundente da igreja cristã. A perseguição nem sempre é física mas quem sabe mais psicológica e de exclusão social.

1.2. O Engano do Humanismo e da Sabedoria humana

A era moderna foi baseada na razão. Disse Newbiggin, que nós somos pluralistas no que se refere a crenças mas não somos pluralistas quando falamos sobre dados e feitos que consideramos científicos.² Há uma incoerência quando fazemos diferença entre conhecimento e crença. Se há conhecimento isto é visto como ciência e aceitamos sem questionar. Mas se é na área de fé religiosa, nada se pode dizer. A realidade, como todos conhecemos, é que a ciência muda e a medida que se fazem novas descobertas, as conclusões científicas mudam. O conhecimento humano é limitado assim como sua sabedoria. O humanismo, que serve de base para o modernismo e a firme crença na razão humana, nada mais é que uma religião.

Críamos, inclusive, que era possível solucionar todos os problemas da humanidade com nossa capacidade intelectual, nossa criatividade de invenções e descobertas. Que o homem iria unir-se em um esforço cooperativo de todos a favor da vida e da preservação do planeta.

Porém, terminamos em desilusão e frustração, não crendo mais na possibilidade de soluções fáceis. E, entramos na pós-modernidade.

A pós-modernidade é caracterizada pela

- Negação dos absolutos – nada é absoluto – nada pode ser considerado como verdade única e completa. É a des-construção de um sistema ético e moral, e naturalmente também de uma tradição cristã. No modernismo o ser humano é a sua própria lei, no pós-modernismo não há lei. Tudo é válido, cada um decide por si próprio o que deve crer e seguir.

1. 3. A Falsidade do Existencialismo e do Empirismo

Podemos criticar o existencialismo e o empirismo a partir de textos como:

² Newbiggin 2000:27

1 Cor 15:19 – “Se a esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens”

1 Cor 15:32 – “comamos e bebamos, que amanhã morreremos”

Quando fazia o curso de pedagogia na Suécia para ser professor de matemática e de física, nos ensinaram que a única coisa real era a que experimentávamos na vida diária. O ensino na escola deveria seguir as ideias de Jean Jacques Rousseau que dizia que não há verdades absolutas mas que cada um deve descobrir o que é verdadeiro para ele. Gerações de europeus foram educados com esta mentalidade de existencialismo – faça o que deseje, isto é o certo para você. As consequências são nítidas e claras nas sociedades onde a destruição da estrutura familiar, violência contra os indefesos, o individualismo, solidão e falta de solidariedade, imoralidade, etc., são características.

A outra face disto é um empirismo que eleva a experiência como normativa e se você tem experimentado algo, isto é a sua verdade. Conhecemos isto bem em nosso contexto evangélico onde muitas vezes a experiência espiritual é mais valorizada e importante que a doutrina ou que os princípios bíblicos.

1. 4. A Confusão do Relativismo e do Pluralismo

Temos também a confusão do relativismo. Se não há verdades absolutas, tudo é relativo. Ninguém pode dizer que existem normas supra-culturais ou válidas para todas as culturas e épocas. Inclusive, isto é algo que tem chegado também dentro do contexto das igrejas evangélicas de distintas formas. Uma delas, que conhecemos bem, é o fato de que a experiência espiritual fala mais alto que a palavra de Deus. Se há discordância entre o que experimentamos e os princípios bíblicos, dizemos que se trata de uma nova e mais completa revelação de Deus, fazendo assim a sua palavra relativa.

O pluralismo compromete e anula a autoridade das Escrituras, um dos problemas mais graves que vemos na igreja cristã de hoje. Sem uma norma autoritativa, os crentes se perdem, os pastores inventam argumentos lógicos e atrativos para suas pregações e a missão busca na ajuda humanitária a razão para a sua existência. O pluralismo também diminui a pessoa de Jesus, fazendo dEle um entre muitos.

O desafio, diz Paul Hiebert, é o diálogo entre a palavra de Deus e a cultura, buscando-se uma contextualização crítica, onde a decisão final deve sempre ser a das Escrituras.

1.5. O Perigo do Sincretismo

O pluralismo também nos leva ao sincretismo. Se não podemos vencer o inimigo, que nos unamos a ele. Facilmente incorporamos elementos de outras religiões ou acriticamente da cultura, para sermos aceitos e para que nossa igreja creça. Agora vocês imaginam, se isto ocorre na igreja que deveria saber melhor, como não seia na sociedade em geral e entre o povo que não conhece a palavra de Deus?

E isto nos leva ao

1.6. O Consumismo Religioso

O supermercado da fé é outro retrato da influência pluralista em nosso meio evangélico. As pessoas vêm a igreja aos domingos da mesma forma como fazem compras no supermercado durante a semana. Existe uma imensidade de produtos disponíveis, igrejas e ministérios para todos os gostos, e você pode escolher entre todos estes de acordo com o que lhe satisfaz. A única restrição pode ser o preço. As bênçãos maiores custam mais, e somente para os que têm muita fé. Fé no carisma do líder, fé na metodologia do movimento ou na mágica de multiplicação do sacrifício financeiro.

Chris Wright, em seu livro *Pensando claramente sobre a singularidade de Jesus (Thinking clearly about the uniqueness of Jesus)*, diz: “A mentalidade do supermercado vê a todas as coisas como produtos, e a todas as pessoas como consumidores. Religiões são incluídas na mesma realidade: têm seus nomes de marca, suas grandes reivindicações e suas estratégias de mercado”.³

Ser pastor hoje de uma igreja local é muito difícil. A gente não sabe mais o que oferecer para manter o povo fiel à igreja. O supermercado eclesialístico do vizinho importa novos produtos todas as semanas e quando isto não é o caso, anuncia um desconto, uma liquidação, não exigindo das pessoas que paguem o alto preço do discipulado. Outros divulgam a promoção do mês – dízimo este mês, só 7%.

Qual é a alternativa? Tenho dito a colegas pastores que a única alternativa que temos é seguir pregando e ensinando a palavra de Deus, dando um exemplo de coerência em nossa vida. Palavra e obra que andam juntas, sendo relevantes a sociedade na qual vivemos.

Duas outras doenças também afetam a igreja:

1.7. O Escapismo Escatológico

Para não enfrentar as dificuldades do mundo atual, fuçimos para um céu futuro, colocando toda a esperança em algo que é completamente distinto do que experimentamos aqui, sem confrontar-se com a realidade do mundo atual. Já que o povo não nos entende, seguimos nos isolando em nossos guetos eclesialísticos, nos regozijando na certeza da salvação sem nos preocupar com um mundo confuso e sem rumo. Neste caso, o reinado de Jesus é futuro e não esperamos que tenha qualquer injeção na sociedade atual. Com isto não há necessidade de apresentar um modelo alternativo de sociedade e não haverá tão pouco controvérsias.

1.8. O Reduccionismo Anti-bíblico

A outra opção é reduzir tudo a este mundo, seguir por um caminho ou de libertação política e social ou de prosperidade na terra. Então as coisas se tornam mais fáceis para as pessoas aceitarem e já não nos incomodamos com questões mais profundas e

³ Wright, Chris, *Thinking clearly about the Uniqueness of Jesus*, 1997:12

espirituais. Jesus é, neste caso, um Tiradentes ou um herói boliviano, o Che Guevara da revolução, o defensor dos pobres e oprimidos sem qualquer ambição além da história humana. Ou, Ele é o antídoto à pobreza, aquele que garante a prosperidade e a vara mágica da multiplicação dos recursos financeiros para os que crêem. Jesus se enquadra, com isto, na longa lista de possíveis soluções para o ser humano.

Como apresentamos um Jesus Cristo singular em um mundo assim?

2. A Singularidade de Jesus Cristo em um Mundo Pluralista

Em primeiro lugar creio que é importante dizer que não temos porque nos envergonhar de nossa fé, de diminuir ou restringir a autoridade da Palavra de Deus ou de sucumbir diante da pressão da tolerância. Não existe razão para nos submetemos debaixo da mentalidade de nossa época e como cães temerosos por o rabo entre as pernas e sair correndo latindo de longe. Se há algo positivo no pluralismo é que nós possuímos o mesmo direito de todos os demais de ter nossa convicção e de apresenta-la a outros.

Por outro lado, temos que reconhecer que a mensagem acerca de Jesus sempre irá criar reações. O apóstolo Paulo diz sobre esta mensagem que é "tropeço para os judeus e é loucura para os gentios" (1 Co 1: 23)

Para mim, os conceitos básicos de uma Cristologia são a resposta que podemos dar ao tempo em que vivemos. A apresentação de um Jesus singular passa pelas bases de nossa compreensão de quem Jesus é. Vejamos:

2.1. Jesus Cristo como Deus – sua natureza divina

A primeira constatação que as Escrituras fazem é que Jesus Cristo é Deus. Isto é claramente expresso pelo evangelista João em seu prólogo (João 1:1-14). A divindade de Jesus significa que ele integra a Trindade divina, sendo chamado de **Filho de Deus**.

Jesus se identifica com o Pai na expressão Eu Sou, frequentemente citada no mesmo evangelho de João e nas epístolas do mesmo autor (por exemplo 8:19; 1 Jo 8:28). Mateus reproduz o reconhecimento desta realidade por parte dos discípulos quando perguntados sobre quem ele era (Mt 16:15,16). O apóstolo Paulo diz que a ressurreição prova que suas reivindicações de divindade são corretas (Rm 1:4). Sendo um com o Pai, Jesus Cristo revela de forma perfeita quem Deus é. (Jo 1:18; Hb 1:2,3).

Jesus também é apresentado como **Criador**, eterno e presente antes dos primórdios da criação, tornando-se o agente da ação criadora de Deus. (Gn 1:18; Jo 1:3,4; Cl 1:16).

Mesmo em sua forma terrena, Jesus conserva sua divindade. Ele é concebido de forma sobrenatural para não ter o peso da herança pecaminosa de Adão. (Lc 1:35). Deixa sua glória e escolhe se limitar em sua majestade e glória, mas não perde sua divindade (Fp

2:6-11). Jesus é, portanto, o representante legítimo de Deus Pai, sendo por ele enviado (Jo 20:21) e realizando as suas obras.

2.2. Jesus Cristo como Homem – sua natureza humana

O outro aspecto importante é a natureza humana de Jesus, designada pela expressão **Filho do Homem**. A expressão inicialmente vétero-testamentária (Dn 7.14,15) é uma das principais alusões ao Messias (ungido para rei) prometido. Trata-se de uma encarnação completa. (Jo 1:14) Jesus é um ser humano em sua totalidade, passando pelas distintas fases que um homem normalmente passa, porém sem se contaminar com o pecado. Sofreu as mesmas pressões e tentações, identificando-se inteiramente com a realidade da humanidade. Jesus é o protótipo do verdadeiro ser humano conforme a imagem de Deus. (1 Tm 2:5)

Sendo perfeitamente homem, Jesus pôde cumprir o papel do necessário sacrificio da humanidade, suficiente e válido, e tomar nosso lugar na cruz, pagando por nossos pecados. Precisava ser um de “nós”, sem pecado e perfeito, para servir de sacrificio pela expiação dos pecados. Somente Jesus tinha as qualificações necessárias.

Ao inaugurar uma nova raça, um novo povo, Jesus é considerado o **Segundo Adão** (1 Co 15:22; 1 Pe 2:9). É um retorno à primeira intenção criadora de Deus, com um relacionamento reestabelecido entre o Criador e a criatura. Quem melhor para reconciliar Deus e o ser humano senão aquele que conhece ambos os lados, sendo tanto divino como humano ao mesmo tempo?

2.3. Jesus Cristo como Salvador – A Missão de Cristo

Há um propósito muito claro na vinda de Jesus ao mundo: a salvação do ser humano. As tentativas de reconciliação à distância, usando profetas, reis e sacerdotes não haviam surtido o efeito desejado. Além disso, havia a necessária morte vicária que já mencionamos.

Jesus Cristo se apresenta como o caminho, a verdade e a vida. Ninguém tem acesso ao Pai senão por intermédio dele (Jo 14:6; 1 Jo 4:14; Jo 4:42; Jo 3:16). Ele é o único **Salvador**. E tanto Pedro como Paulo confirmam que não há outro meio de salvação nem outro mediador entre Deus e o homem. (At 4:12; 1 Tm 2:5,6).

O apóstolo Paulo elabora a teologia da fé em Cristo, requisito único e suficiente para ser salvo (Rm 3:21-24; Rm 10:9-15). Isto significa também que aquele que não aceitar a Jesus Cristo como seu Salvador e Senhor não será salvo (Jo 8.24), sendo que ninguém tem desculpas diante de Deus. (Rm 1.18-21). Deus ama a todos, mas a escolha é livre e as conseqüências coerentes a esta escolha.

2.4. Jesus Cristo com Senhor e Rei

O clímax da apresentação de Jesus Cristo no Novo Testamento é a sua exaltação glorificação. (Fp 2.5-11; Ap 5.9-14; 7.9-12; Mt 28.18-20). Seu senhorio é completo, seu

poder total e seu reinado eterno. O reino de Deus, apregoado por Jesus, tornou-se real com sua vinda, mas ainda surgirá de forma completa com seu regresso. Um dia todos terão que reconhecê-lo como Senhor. Feliz aquele que já o fez por livre e espontânea vontade.

Conclusão:

Diante destas características de Jesus Cristo, como é possível compará-lo a outros líderes religiosos da história? Nenhum deles chegou a reivindicações parecidas com Cristo. Alguns tentaram sim diminuir e menosprezar a figura de Cristo mas sem propor alternativas plausíveis para substituí-lo.

Tentei explicar isto para Maide. Nos despedimos no aeroporto de Guarulhos sem que ela tivesse confirmado se cria ou não. A singularidade de Cristo é sem dúvida um divisor de águas, uma mensagem radical que cria conflitos e fortes reações. Quem sabe pode ser visto como falta de tolerância, a palavra da moda no pluralismo de hoje. Porém é um Deus tolerante e amável que tem proporcionado um caminho de volta ao Lar. Se não fosse sua graça, claramente evidenciada no envio de seu Filho, qual seria nossa esperança? Por outro lado é um Deus justo que agirá de forma coerente com a nossa própria escolha. Se não temos desejo de nos relacionarmos com ele optando por outros caminhos, de que podemos nos queixar?

Se existe algo de que não podemos abrir mão como cristãos sem colocar em risco a mensagem bíblica e a credibilidade do evangelho é a singularidade de Cristo como único Salvador e Senhor. A questão é quais são as implicações deste fato para nós como seguidores de Cristo e para a Igreja, que é o corpo de Cristo? O que significa realmente que Cristo está no trono de nossa vida?

Wright diz que podemos desafiar o relativismo ilógico do pluralismo. A afirmação de que não existe uma verdade absoluta é logicamente auto-contraditória e auto-destrutiva, sendo que o pluralismo se apresenta como uma verdade absoluta.⁴

Necessitamos recuperar nossa confiança na realidade e na verdade do evangelho no qual dizemos que cremos. Jesus segue sendo o mesmo, ontem, e hoje e pelos séculos (Hb. 13:6) – Ele que é e que era e que há de vir (Ap. 1:8). Jesus não mudou, mesmo que a compreensão de quem ele é e possivelmente também nossa apresentação dele, tenham mudado e muitas vezes não fazem justiça à sua pessoa.

Como apresentamos a Jesus necessita de mais reflexão. Porém se o apresentamos como Ele verdadeiramente é as pessoas em um mundo pluralista serão atraídas a Ele. Um Jesus encarnado, presente, interativo com quem podemos nos comunicar e ter

⁴ Wright 1997:146

comunhão; um Jesus que busca o necessitado e que se preocupa com o ser humano como um todo; um Jesus que fala todos os idiomas, inclusive o das tribos urbanas; um Jesus que pertence a todas as culturas. Mas também um Jesus que é divino com poder de transformar vidas e sociedades. Um Jesus que através de sua Igreja busca o bem-estar do ser humano e que luta por paz e justiça. Um Jesus que continua sendo o único caminho e o único Salvador!

BIBLIOGRAFÍA

Escobar, Samuel, *A Time for Mission – The Challenge for Global Christianity* (Leicester, UK: Intervarsity Press, 2003)

Newbiggin, Lesslie, *The Gospel in a Pluralistic Society* (London: SPCK, 2000)

Nicholls, Bruce (ed.), *The Unique Christ in Our Pluralistic World* (Grand Rapids, MI: WEA and Baker Book House, 1994)

Ramachandra, Vinoth, *The Recovery of Mission – Beyond the Pluralist Paradigm* (Cumbria, UK: Paternoster Press, 1996)

Salinas, Daniel y Samuel Escobar, *Post Modernidad – Nuevos desafíos a la Fe Cristiana* (La Paz: Editorial Lámpara, 1997)

Wright, Chris, *The Uniqueness of Jesus* (London: Monarch, 1997)

Zokue, Isaac, ‘The Unique Christ as the Hope and Judge of the World’, in Nicholls, Bruce (ed.), *The Unique Christ in Our Pluralistic World* (Grand Rapids, MI: WEA and Baker Book House, 1994)

Pastor Batista Independente

Professor do Seminário Teológico Batista Independente de Campinas

Missionário da InterAct (Suécia)

Diretor Executivo da Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial

Vice-presidente da Missão Antioquia

Vice-presidente da Associação Missão Esperança (AME)

Casado com Alzira, pai de 4 filhos e avô de um neto.

Bertil Ekström

Executive Director

WEA Mission Commission

.....catalyzing, and connecting the global church in mission

Caixa Postal 7017

13076-970 Campinas, SP, Brazil